

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

Maria Angélica Hofmann

**A LUDICIDADE COMO FACILITADORA
NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM**

**Porto Alegre
2010**

Maria Angélica Hofmann

**A LUDICIDADE COMO FACILITADORA
NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão apresentado como requisito parcial e obrigatório para obtenção de título de Licenciado em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora Prof.^a Rosimeri Aquino da Silva

**Porto Alegre
2010**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Graduação: Prof^a Valquíria Link Bassani

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia–

Licenciatura na Modalidade a distância/PEAD: Profas.

Rosane Aragon de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho a Deus,
a minha família, em especial ao meu marido, meu filho e meus pais.

*Brincar com criança não é perder tempo,
é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola,
mais triste ainda é velos, sentados enfileirados,
em salas sem ar, com exercícios estéreis,
sem valor para a formação do homem.*

Drummond

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por me abençoar nesta jornada.

Agradeço ao meu filho Henrique, pela compreensão nos momentos de ausência.

Ao meu marido, Agnaldo, pelo carinho e paciência durante esta caminhada.

A minha irmã Maria Teresa, pela dedicação e carinho com que me auxiliou e orientou neste processo.

As colegas de estágio Neusa, Sandra, Silvana e Lisiane pelo apoio e incentivo nos momentos difíceis.

As colegas de Escola, em especial a Diretora Tatiana, as supervisoras Rosana e Cláudia, por todo apoio e carinho recebidos durante a realização do estágio curricular.

A todos os colegas de curso, professores e tutores que compartilharam durante esta trajetória, momentos de certezas e incertezas, tristezas e alegrias, mas acima de tudo de socialização em prol da construção de novos saberes.

A professora orientadora Rosimeri Aquino da Silva, pela dedicação e competência com que me orientou, durante a realização deste TCC.

RESUMO

O presente trabalho visa pesquisar a importância do lúdico no desenvolvimento das crianças em sala de aula, onde convivem diariamente, em busca de novos saberes. Para isto, em primeiro momento procuro explicitar de forma contextualizada como ocorre esse desenvolvimento, em diferentes áreas do conhecimento, e em seguida, faço relação com um fazer pedagógico que inclui minha prática em sala de aula, a partir do estágio realizado numa escola municipal, dando ênfase ao projeto desenvolvido durante o mesmo, destacando as reflexões semanais advindas desta prática, com a finalidade de reafirmar a importância do lúdico como instrumento pedagógico no auxílio no processo de alfabetização da criança, independente de sua clientela, seja ela PNEE ou não. Até porque, cada vez mais nossas escolas estão inseridas no processo de inclusão, onde novas práticas tornam-se essenciais para atingir todos os alunos, contribuindo para o desenvolvimento global da criança, incluindo sua socialização e inclusão. Assim, também convivemos com escolas especiais, que atendem alunos com necessidades especiais, e igualmente voltadas ao desenvolvimento deste aluno como um todo, procurando valorizar suas habilidades, de forma mais prazerosa possível, incluindo em sua ação pedagógica o fazer lúdico. Com a finalidade de analisar como vem sendo esta prática para o educador da escola de estágio e para o educador de escola especial (facilitadora ou não da aprendizagem), resolvi realizar duas entrevistas: primeiro com os educadores da escola onde fiz meu estágio (onde trabalho atualmente) e para uma educadora de escola especial (ex-colega), finalizando meu TCC, analisando nos dois últimos capítulos as referidas entrevistas.

Palavras chaves: Jogos pedagógicos. Infância. Aprendizagem.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	A INFÂNCIA E AS RELAÇÕES A PARTIR DO LUDICO	10
2.1	O lúdico e o desenvolvimento da psicomotricidade infantil	10
2.2	O lúdico e o desenvolvimento cognitivo infantil	12
2.3.	O lúdico e o desenvolvimento afetivo e social infantil	13
2.4	Afetividade, motivação e aprendizagem	14
3	O LÚDICO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NO AUXILIO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA	16
3.1	Reflexão de idéias teóricas x vivência como educadora	16
3.2	Projeto de estágio	20
3.3	Reflexões semanais sobre a prática de estágio	23
3.3.1.	Reflexão semana 1	23
3.3.2	Reflexão semana 2	24
3.3.3	Reflexão semana 3	25
3.3.4	Reflexão semana 4	28
3.3.5	Reflexão semana 5	28
3.3.6	Reflexão semana 6	31
3.3.7	Reflexão semana 7	33
3.3.8	Reflexão semana 8	34
3.3.9	Reflexão semana 9	36
3.3.10	Reflexão semana 10	38
3.3.11	Reflexões sobre o planejamento	38
4	COMO TRABALHAR O LÚDICO COM PNEE (CONTEXTUALIZANDO PRÁTICA E TEORIA A PARTIR DE RELATOS DE EDUCADORES).....	40
5	ANÁLISE DOS DADOS DA ENTREVISTA COM EDUCADORES DA ESCOLA ONDE REALIZEI MEU ESTÁGIO	43
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
	REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1 INTRODUÇÃO

O presente TCC tem como objetivo analisar o lúdico (que tem sua origem na palavra latina "ludus" que quer dizer jogo) como facilitador da aprendizagem na sala de aula, tendo como suporte a experiência prática de estágio curricular, do curso de Pedagogia, realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental Bento Gonçalves, na cidade de São Leopoldo, com os alunos do 2º ano do ensino fundamental (alfabetização), no primeiro semestre de 2010, bem como a relação desta prática com os aportes teóricos apresentados durante o curso de graduação e as percepções construídas ao longo de minha caminhada profissional como educadora e que serviram de apoio durante todo o processo, além de pesquisas bibliográficas realizadas no decorrer deste trabalho. A partir da relação teoria x prática / prática x teoria, surgiu como consequência o objeto de pesquisa, "O Lúdico como facilitador da aprendizagem", tendo como metodologia, pesquisa bibliográfica, experiência profissional e uma entrevista com educadores da escola de estágio com a finalidade de perceber a visão dos mesmos sobre a questão do lúdico em sala de aula: facilitador ou não da aprendizagem?

Apresento este estudo dividido em capítulos, sendo que no primeiro com o título "A relação do lúdico com o desenvolvimento infantil", abordo a infância como período de descobertas, através de momentos de inquietude, a partir de situações diversas, que envolvem o lúdico como elemento natural do universo infantil proporcionando relações significativas ao desenvolvimento psicomotor, cognitivo, afetivo e social da criança, contribuindo para o crescimento desta como um todo. O capítulo é subdividido, onde a partir de pesquisas bibliográficas faço uma investigação de como ocorrem estas transformações, a partir de momentos lúdicos. No segundo capítulo, com o título "O Lúdico como instrumento pedagógico no auxílio do processo de alfabetização da criança", onde a partir das disciplinas de Ludicidade e Educação e Fundamentos da Alfabetização faço uma reflexão das ideias teóricas com minha vivência como educadora, bem como uma relação destas com a

construção do meu Projeto de estágio, descrevendo-o, concluindo este capítulo com as reflexões semanais sobre minha prática de estágio. No terceiro capítulo com o título “Como trabalhar o lúdico com PNEE, contextualizo teoria e prática a partir de relatos de profissionais desta área, que atendem estes alunos no Município de São Leopoldo. No quarto e último capítulo, com o título “Análise dos dados da entrevista educadores,” são analisados os dados da entrevista com os educadores da escola de estágio, com a finalidade de perceber como estes entendem a ludicidade em sala de aula: facilitadora ou não da aprendizagem?

2 A INFÂNCIA E AS RELAÇÕES A PARTIR DO LÚDICO

A infância é um período de inquietudes e descobertas que acontece a partir de situações lúdicas (elemento natural do universo infantil) que proporcionam relações significativas ao desenvolvimento psicomotor, cognitivo, afetivo e social da criança, contribuindo para o crescimento desta como um todo. A partir desta relação de cumplicidade entre o lúdico e o universo infantil, faz-se necessário compreender como se processam estas relações, dentro de uma perspectiva individual e ao mesmo tempo global, uma vez que estas ocorrem de forma integrada, onde uma depende da outra, pois a criança necessita desenvolver-se de forma integral a fim de tornar-se um indivíduo completo. Como elemento orientador e facilitador nesta compreensão tomarei como referencial teórico os seguintes autores Piaget, Wallon, Lapierre, Vigotsky, entre outros.

2.1 O lúdico e o desenvolvimento da psicomotricidade infantil

O que é Psicomotricidade?

Segundo o conceito da Sociedade Brasileira de Psicomotricidade: “Ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, bem como suas possibilidades de perceber, atuar, agir com o outro, com os objetos e consigo mesmo. Portanto, é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização.”

Alguns autores enfatizam a importância da atividade corporal para o desenvolvimento das funções cognitivas: Wallon (1942) afirma que o pensamento nasce da ação para retornar a ele e Piaget (1936) sustenta que, mediante a

atividade corporal a criança pensa, aprende, cria e enfrenta problemas de sua vida cotidiana.

A partir daí, constatamos que o desenvolvimento psicomotor é base para a relação da criança com o mundo, pois através do seu corpo, relaciona-se consigo mesma, com os outros, com os objetos, enfim, com o mundo ao seu redor, fazendo-se uma relação entre o agir e o pensar, a partir de aspectos constitutivos deste processo: esquema corporal (formação do eu), onde a criança adquire consciência do próprio corpo e das possibilidades de expressar-se por meio deste; lateralidade onde a criança percebe que os membros não reagem da mesma forma: ex. escrita com a mão direita ou com a esquerda; orientação espacial, onde a criança localiza-se no espaço e situa as coisas umas em relação às outras e a orientação temporal, onde a criança situa-se no tempo.

Percebendo a criança como um ser integral do processo, cabe a escola proporcionar situações que favoreçam o seu amadurecimento psicomotor, através de atividades atrativas e prazerosas, de forma lúdica, como jogos, brinquedos e brincadeiras, contribuindo para que estas habilidades psicomotoras se desenvolvam de forma natural, facilitando a aquisição de novas aprendizagens.

Segundo Lapierre (1986), a educação psicomotora tem por objetivo não só a descoberta do próprio corpo e capacidade de execução do movimento, mas ainda a descoberta do outro e do meio ambiente, utilizando melhor suas capacidades psíquicas, facilitando a aquisição de aprendizagens posteriores.

Se nós educadores desenvolvermos nossa prática, com base na idéia de que o conhecimento é construído pela criança em situações de interação, precisaremos dispor de estratégias que as auxiliem a compreender o que cada uma traz consigo, elevando suas potencialidades. Concluindo, portanto, a importância de termos um conhecimento prévio frente às etapas do desenvolvimento motor infantil, para poder escolher as atividades curriculares a partir da realidade psicomotora de nossos alunos.

2.2 O lúdico e o desenvolvimento cognitivo infantil

O desenvolvimento cognitivo infantil não ocorre por si só, mas através das diversas interações que a criança faz ao longo de sua trajetória, explorando o meio onde vive.

O desenvolvimento do aspecto lúdico facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora para a saúde mental, prepara para um estado interior fértil, facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção do conhecimento (SANTOS, 1997, p.12).

Segundo Vygotsky (1991, p.126) é “[...] no brinquedo que a criança aprende a agir numa esfera cognitiva, ao invés de uma esfera visual externa, dependendo das motivações e tendências internas, e não dos incentivos fornecidos pelos objetos externos”.

Para este educador (1991, p.106), o brinquedo atua na resolução da tensão gerada na criança pela vontade de satisfazer um desejo imediato e a impossibilidade (física e mental) desta realização: “Para resolver esta tensão a criança em idade pré escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo”.

A imaginação é, segundo o autor, um processo psicológico inteiramente novo para a criança pré escolar e que não pode ser encontrado ainda nas crianças com menos de três anos, ainda incapazes de postergar a realização de um desejo. Segundo Vygotsky (1991), o que distingue a brincadeira de outras atividades infantis, é que esta possui regras e imaginação, sejam elas explícitas ou não. Assim, na brincadeira do faz de conta, própria da idade pré escolar, a imaginação está explícita e as regras implícitas. Vejamos o exemplo de brincar de casinha, nesta a criança precisa da imaginação para transformar-se em mãe, em filhinha ou em papai, mas, ao mesmo tempo, precisa obedecer regras inerentes ao papel assumido. Nos jogos, que aparecem na idade escolar, por outro lado, as regras estão explícitas, mas a imaginação implícita. O jogo de futebol pode servir para exemplificar o que o autor quer dizer, assim ao iniciar a partida o jogador submete-

se às regras pré-fixadas, mas vai precisar da imaginação para realizar suas jogadas e ter uma boa atuação no jogo. Vygotsky (1991) afirma que a importância do brinquedo está no fato de criar Zonas de Desenvolvimento Proximal na criança, pois ao brincar ela realiza, mesmo de forma imaginativa, atividades e funções que muitas vezes estão acima de suas reais capacidades, mas que são possíveis na situação do brinquedo.

2.3 O lúdico e o desenvolvimento afetivo e social infantil

Em seu artigo “E o brincar onde está?” a Psicóloga Alessandra Veras Sobral propõe uma reflexão a cerca da importância do brincar para o desenvolvimento infantil, abrangendo dois aspectos: psicológico e o pedagógico. Quanto ao primeiro, revela que a criança, diante de uma atividade lúdica, de modo geral, reflete a forma como vê o mundo, já que a brincadeira possibilita vivenciar experiências e aprender com elas. Leva à estrutura da fantasia e da realidade, da tomada da consciência entre si e os outros, o que é de extrema importância para o seu desenvolvimento afetivo. É neste contexto que a criança dá um salto muito importante no seu desenvolvimento, saindo de uma visão individualista, introduzindo o outro nas suas relações e gozando de todos os benefícios que esta relação dialética pode trazer estabelecendo os primeiros passos para o social.

Quanto ao segundo aspecto, pedagógico, ressalta que no brincar, as crianças desenvolvem o cognitivo, como a capacidade de mobilizar esquemas a fim de resolver conflitos que surgem durante essas atividades, promovendo, deste modo, o raciocínio. Um outro ponto muito importante a ser considerado, segundo a autora, é o amadurecimento das habilidades motoras que é proporcionado pelas brincadeiras. Concluindo, a autora faz menção à relação da escola e do pedagogo na construção do lúdico no ambiente escolar, no reconhecimento da importância deste momento, não só no nível cognitivo, mas também no nível afetivo, a partir de uma atenção específica, tanto por parte da escola como por parte do professor:

“O que a escola não tem considerado é que seu papel hoje é de promover a expansão do potencial das crianças, não só no nível cognitivo, mas também no nível afetivo. A afetividade, de um modo geral, tem uma estreita relação com o aprendizado e é por meio das brincadeiras que a criança começa a estabelecer estas relações, daí a sua importância no desenvolvimento infantil, necessitando de uma atenção específica.”

“O pedagogo, em suas atividades, deve estar atento aos conteúdos, como também com as relações afetivas desenvolvidas pelos alunos. Para isto, é necessário que o mesmo se destitua de sua condição autoritária e distante, participando com as crianças de suas brincadeiras sem medo de ver seu papel ameaçado, abrindo espaço para o reconhecimento da importância deste momento para o desenvolvimento infantil.”

2.4 Afetividade, motivação e aprendizagem

A afetividade no processo educativo é importante para que a criança manipule a realidade e estimule a função simbólica. Afetividade está ligada à auto-estima e às formas de relacionamento entre aluno e aluno e professor e aluno. Um professor que não seja afetivo com seus alunos fabricará uma distância perigosa, criará bloqueios com os alunos e deixará de estar criando um ambiente rico em afetividade (COSTA; SOUZA, 2006, p. 12).

No que se refere à motivação para a aprendizagem, é oportuno diferenciar dois conceitos: motivação e incentivo.

Conforme Sabbi:

A motivação é algo despertado interna e subjetivamente em cada pessoa, sendo que, para que isso aconteça, são necessários estímulos. A qualidade dos estímulos, no caso dos alunos, determinará se eles se sentirão motivados ou não. Nesse sentido, a afetividade pode ser compreendida como um estímulo porque “[...] a afetividade gera motivação. Se existe motivação, a criança realiza tarefas mais complexas” (SABBI, 1999, p.16).

Sendo assim, um professor afetivo com seus alunos, que busca a aproximação e realiza sua tarefa de mediador entre eles e o conhecimento, atuará na zona de desenvolvimento proximal, isto é, na distância entre o nível de conhecimento real e aquele que os alunos poderão construir com a sua ajuda. A afetividade passa, então, a ser um estímulo que gerará a motivação para aprender.

No entanto, cabe ressaltar que a motivação para a aprendizagem depende das estratégias didáticas, da qualidade das intervenções do professor e também do modo como planeja e utiliza certos recursos em suas aulas, como: metodologia de projetos, aulas-passeio, dramatização, lúdico, entre outros. (http://www.miniweb.com.br/ciencias/artigos/aspectos_socioafetivos.pdf acessado em 22/10/2010).

3 O LÚDICO COMO INSTRUMENTO PEDAGÓGICO NO AUXÍLIO DO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DA CRIANÇA

Conforme enfatiza, Tânia Ramos Fortuna, sala de aula é lugar de brincar, pois segundo ela, “uma atividade lúdica representa um momento prazeroso diferenciado das tarefas tipicamente escolares, onde um rasgo de espontaneidade é possível.” E é justamente neste rasgo de espontaneidade que a criança consegue se encontrar e interagir com os demais, criando-se um elo entre elas que contribui para o seu desenvolvimento integral, pois a mesma percebe-se atuante no processo ensino aprendizagem. Partindo deste pensamento, desenvolverei a seguir uma reflexão entre teoria e vivência, durante minha caminhada como aluna e professora de uma turminha de 2º ano do Ensino Fundamental de 9 anos.

3.1. Reflexão de idéias teóricas x vivência como educadora

A partir da leitura do texto Sala de aula é lugar de brincar? de Tânia Ramos Fortuna, durante a interdisciplina Ludicidade e Educação, destaco algumas idéias relacionando-as com minha vivência como educadora:

“Uma atividade lúdica, representa um momento prazeroso diferenciado das tarefas tipicamente escolares, onde um rasgo de espontaneidade é possível.”

Realmente, através das atividades lúdicas percebo que meus alunos vivenciam um momento de prazer, onde conseguem se encontrar e interagir com os colegas de forma espontânea, sem a constante interferência de um adulto, pois ali, conseguem criar um elo, o qual contribui e muito para o seu desenvolvimento como um todo, pois percebem-se atuantes e receptivos a trocas, aceitando as diferenças e conseqüentemente, respeitando o outro.

“Através do simbolismo do brinquedo transfere interesses, fantasias, ansiedades e sentimentos de culpa. Brincar, então, é um meio de compreender e relaciona-se com o meio.”

Ao observar meus alunos brincando, percebo que muitas vezes utilizam o objeto do brincar, para transferir sentimentos, ansiedades, medos. Por exemplo, quando brincam de mamãe, papai e filhinhos, assumem estes papéis como se fossem adultos, revelando ações que ocorrem em sua vida real, através da criação de diálogos como este: Tchau, filho! O pai vai trabalhar na pedreira! A partir deste tipo de diálogo, o aluno faz uma relação de simbolismo entre o imaginário e o real, satisfazendo desejos e demonstrando sentimentos, através da relação com o meio.

“O que se busca no ensino através do jogo? Aprendizagem com prazer. E onde está o prazer no jogo? Naquilo que o caracteriza, ou seja, o professor reconhece a importância de que o aluno tenha uma postura ativa nas situações de ensino, sendo sujeito de sua aprendizagem; a espontaneidade e a criatividade são constantemente estimuladas.”

Através das leituras feitas, percebe-se claramente que, para introduzirmos o jogo no ensino aprendizagem, devemos ter consciência de que o aluno não seja um mero expectador, ou executor de normas impostas, mas que seja atuante nas situações de ensino, de modo que sua aprendizagem seja significativa e mais prazerosa, na medida em que exercita a sua espontaneidade e criatividade, na participação de jogos e brincadeiras, dando sugestões, inventando regras, criando jogos, brincadeiras e brinquedos, socializando saberes, através de trocas, contribuindo para uma interação entre professor x aluno e aluno x aluno. Um exemplo, acredito, seja quando os próprios alunos escolhem do que querem brincar: por exemplo, os meus alunos na hora do recreio, brincam muito de pega-pega e amarelinha, de uma maneira bastante natural, prazerosa, pois surgiu da vontade deles, não foi algo imposto pela professora. E realmente através desta socialização, desta troca, estão se tornando mais amigos, menos egocêntricos, e conseqüentemente menos agressivos, respeitando o outro, nas suas diferenças.

“Uma aula ludicamente inspirada é aquela em que o professor está aberto aos novos possíveis, daí que sua visão de planejamento pedagógico também sofre uma revolução lúdica: sua aula deve ser uma ação pedagógica conscientemente criada,

donde seu caráter intencional (que vimos necessário para garantir que o jogo não deslize para a promoção do individualismo), mas repleta de espaços para o inesperado, para o surgimento do que ainda não existe, do que não se sabe. Uma aula lúdica é uma aula que se assemelha ao brincar - atividade livre, criativa, imprevisível, capaz de absorver a pessoa que brinca, não centrada na produtividade.”

Sim, concordo plenamente que uma aula ludicamente inspirada é aquela em que o professor está aberto aos novos possíveis. Isto porque devemos estar em constante mudança, visto que a educação é um processo contínuo, o qual exige de nós professores uma visão ampla do que pretendemos que nossos alunos construam, no seu dia a dia, por isso é importante a nossa formação, o saber aplicar os conteúdos teóricos na nossa prática como educadoras, e nisto, o curso PEAD, vem contribuindo com certeza, ampliando nossos horizontes, e possibilidades, na utilização de forma consciente do lúdico na nossa prática pedagógica, de uma forma mais segura. Ou seja, estou ciente de que a sala de aula é lugar de brincar sim e de que brincando, também se aprende.

A partir da leitura do livro “Psicogênese da Língua Escrita”, na interdisciplina Fundamentos da Alfabetização destaco abaixo três idéias as quais considero importantes, fazendo um comentário reflexivo a partir da minha prática em sala de aula.

“O método (...) pode ajudar ou frear, facilitar ou dificultar, porém não criar aprendizagem. A obtenção de conhecimento é um resultado da própria atividade do sujeito” (p. 28 e 29).”

Sem dúvida, a interação do sujeito com o ensino-aprendizagem torna esta aprendizagem mais significativa, pois o aluno passa a perceber-se como sujeito ativo e participativo e não apenas ouvinte, como acontecia em épocas passadas. Agora, ele pode questionar, apresentar soluções, interagir com colegas e professores, sem repressão, isto é, mais consciente de seu papel dentro da escola. O professor pode escolher o método que quiser, mas se não estiver aberto a interagir com o aluno, tornar-se-á bitolado a seguir regras, sem ao menos entendê-las na sua prática docente.

“Um sujeito intelectualmente ativo não é um sujeito que ‘faz muitas coisas’, nem um sujeito que tem uma atividade observável. Um sujeito ativo é um sujeito que compara, exclui, ordena, categoriza, reformula, comprova, formula hipóteses, reorganiza, etc, em ação interiorizada (...) ou em ação efetiva...” (p. 29)

Concordo plenamente que o sujeito ativo é aquele que questiona, formula hipóteses, comprova aquilo que acha ser o certo. Ele não prisma pela quantidade, mas sim pela qualidade do que faz. Está sempre preocupado em debater, não sendo acomodado. Vai atrás e normalmente dá mais do que lhe é solicitado, se preocupa realmente em aprender e não em decorar. Não existe mais aquele aluno apático, passivo ao qual só engolia o que recebia, sem digerir.

O caminho em direção ao conhecimento não é linear: “não nos aproximamos dele passo a passo, juntando peças de conhecimento umas sobre as outras, mas sim através de grandes reestruturações globais, algumas das quais são ‘errôneas’ (...) porém ‘construtivas’ (...) Esta noção de erros construtivos é essencial. (...) Para uma psicologia piagetiana, é chave o poder distinguir, dentre os erros, aqueles que constituem pré-requisitos necessários para a obtenção da resposta correta. (...) A necessidade de permitir ao sujeito passar por períodos de erro construtivo é uma tarefa de fôlego, que demandará outra classe de esforços.” (p. 30 e 31)

No decorrer da aprendizagem, nosso aluno reformula hipóteses para se alcançar a resposta certa e muitas destas estão erradas. Porém cabe a nós educadores, fazer com o nosso aluno distingue entre os erros a resposta correta, sem inibir o aluno, rotulando-o como incapaz, mas usando o próprio erro como uma forma construtiva de se chegar a hipótese correta, fazendo-o questionar e descobrir o porque aquela resposta está errada. Também é muito importante não atribuir punição para o erro, mas sim reflexão.

3.2 Projeto de estágio

A partir destas leituras e reflexões, construí meu projeto de estágio, tendo como base atividades lúdicas, com o propósito de facilitar o processo de alfabetização conforme segue a seguir:

Introdução: O projeto a ser desenvolvido tem por objetivo geral o incentivo de atividades pedagógicas, onde os alunos possam participar ativamente, construindo seu saber, de forma mais significativa, envolvendo temas de seu interesse e também de acordo com as necessidades que surgem a partir da realidade que se apresenta no dia a dia escolar. Com isto, iniciarei meu trabalho a partir de um tema importante, que é o respeito ao outro, as diferenças, e ao entendimento da existência e necessidade de regras (direitos e deveres) no ambiente escolar. A partir disto envolverei outros temas, conforme segue: alimentação, higiene, preservação do meio ambiente através da reciclagem e da separação do lixo, seres vivos e não vivos, partes das plantas, esquema corporal, brinquedos e brincadeiras, faz de conta e copa do mundo, a partir de atividades variadas possibilitem aos alunos o entendimento dos conteúdos do ano em questão (2º ano).

Princípios orientadores: Partindo da idéia de que se deve levar em consideração os interesses e as fases de desenvolvimento da criança e que o importante não é o tipo de método a ser aplicado, mas sim o entendimento de como as crianças aprendem, de que modo elas vêem o mundo, para, a partir daí, reverem concepções de alfabetização, que venham de encontro as necessidades do educando, percebendo-se toda a evolução histórico-cultural da educação no Brasil. O que importa não são métodos ou teorias de alfabetização, mas sim que consigamos atingir nosso aluno, de modo a evoluir juntamente com ele, em termos de percepção mais ampla em relação ao processo de escrita e leitura, que atualmente vai muito além da simples decodificação de símbolos. Com base nas leituras realizadas durante o curso, cito a importância de se trabalhar a partir dos sons, com diversos tipos de textos, dando importância ao verdadeiro significado do ato de ler e escrever, ou seja, o uso social da leitura e da escrita, o letramento. Assim, a partir dos muitos autores estudados durante o curso, tomarei como

princípios norteadores do meu trabalho os pensamentos de Vygotsk, Jean Piaget e Paulo Freire, as quais vêm de encontro ao tipo de trabalho que desenvolverei em sala de aula.

“Os sujeitos não são apenas ativos, mas interativos porque seus conhecimentos se estabelecem a partir das relações intra e interpessoais.” Vygotsky.

“O professor não ensina, mas arranja modos de a própria criança descobrir. Cria situações-problemas.” Jean Piaget.

“Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão.” Paulo Freire.

Justificativa da proposta de trabalho: A partir de uma situação vivenciada na escola, de violência no trajeto do ônibus escolar, iniciei minha proposta de estágio com o tema respeito ao outro, as diferenças e ao entendimento da existência e necessidade de regras (direitos e deveres) no ambiente escolar, tendo como base um ambiente lúdico, propiciando aos alunos momentos de inquietudes, possibilitando descobertas e contribuindo ao desenvolvimento de relações cognitivas, sócio-afetivas e psicomotoras, contribuindo para o desenvolvimento global do aluno.

Objetivos pessoais de aprendizagem do estagiário: Acredito que o principal objetivo será o de compreender, através da minha prática, que o importante não é o método a ser aplicado, mas sim de perceber o verdadeiro sentido do ato de educar, isto é, o de ensinar e o de aprender, de forma recíproca, respeitando os limites e os avanços que meu aluno demonstra ao longo desta caminhada, tão importante, que é a alfabetização. É saber avaliá-lo dentro de um contexto, onde a inclusão é uma realidade, propondo-lhe diversas oportunidades, através da adaptação e reconstrução de material didático, de modo a suprir suas necessidades, facilitando assim sua aprendizagem.

Objetivos Gerais: A partir do conhecimento da realidade da comunidade escolar, senti a necessidade de ter como objetivo geral a conscientização das diferenças entre as pessoas, mostrando que a diversidade não implica inferioridade; promover a auto-estima através do auto-conhecimento e liberdade de expressão, trabalhando a noção de cidadania, igualdade de direitos e deveres.

Objetivos Específicos: Partindo dos objetivos gerais e de acordo com os conteúdos mínimos a serem trabalhados no 2º ano, os objetivos específicos a serem desenvolvidos serão:

- Reconhecer e fazer rimas,
- Reconhecer as letras do alfabeto, seu som e grafia, além de reconhecê-las como sendo do seu nome, como inicial e final de palavras,
- Realizar a leitura de desenhos, rótulos, símbolos e textos diversos, assim como sua interpretação,
- Desenvolver e utilizar as noções de direção e sentido (direita, esquerda, atrás, na frente, do lado, embaixo)
- Desenvolver noções de classificação, seriação, ordenação, correspondência, agrupamentos e comparações,
- Reconhecer e relacionar números e quantidades trabalhadas,
- Realizar cálculos de adição e subtração simples,
- Reconhecer a planta como ser vivo, reconhecendo suas partes e as necessidades da mesma,
- Reconhecer as partes do corpo e suas utilidades,
- Desenvolver a consciência corporal, a lateralidade, equilíbrio e limites,
- Reconhecer e vivenciar os valores da sociedade, principalmente o respeito,
- Reconhecer seus direitos e deveres,
- Reconhecer e praticar hábitos de higiene e saúde,
- Perceber e vivenciar hábitos saudáveis de alimentação,
- Desenvolver e vivenciar a preservação e respeito ao meio ambiente, incluindo a separação do lixo e seu aproveitamento através da reciclagem.
- Avaliação: A avaliação ocorrerá ao longo do processo, através da observação e acompanhamento diário da realização das atividades propostas, observando-se o desenvolvimento de cada aluno individual.

3.3 Reflexões semanais sobre a prática de estágio

Tendo como base este projeto, desenvolvi minha prática de estágio de forma a respeitar o meu aluno, com suas potencialidades, levando em consideração uma das principais características desta fase, o interesse pelo lúdico, partindo sempre de recursos que possibilitassem um fazer pedagógico prazeroso, descontraído, possibilitando o desenvolvimento total do meu aluno, considerando e respeitando seus limites, incentivando sempre a construção de novas habilidades a partir de suas vivências e interesses, relacionado-os aos conteúdos a serem desenvolvidos de forma multidisciplinar, através de atividades como música, teatro, jogos, brinquedos e brincadeiras, hora do conto, hora da novidade, hora do vídeo entre outras, possibilitando a interação aluno x aluno e professor x aluno, trabalhando de forma integrada todas as áreas do conhecimento: cognitiva, psicomotora, sócio-afetiva, contribuindo e facilitando o processo de aprendizagem, tornando-o mais significativo, tanto para o educando como para o educador, a partir de momentos de interação recíproca, onde o educador é o mediador da aprendizagem.

3.3.1 Reflexão semana 1

Na primeira semana de estágio, percebi que meus alunos necessitavam de atividades de integração, onde pudessem trabalhar em grupos e interagir, participando das aulas. Com isto, procurei desenvolver atividades pelas quais pudessem exercer a criatividade, participando ativamente e desenvolvendo a livre expressão onde poderiam expor aquilo que já sabiam sobre determinado assunto. Devido a um episódio de briga, envolvendo alguns de meus alunos, no trajeto do ônibus escolar, percebi a necessidade de trabalhar o tema respeito ao outro, envolvendo atitudes como brigas, fofocas, desavenças, inveja, roubo de material e merenda de colegas, que vem ocorrendo no ambiente escolar. Acredito que valeu a

pena, pois todos se envolveram de forma bastante participativa, percebendo que todos têm direitos e deveres.

Também houve através dos temas e atividades propostas uma relação com a leitura e escrita (sons e grafias) já conhecidas, e daí, o surgimento de outras.

3.3.2 Reflexão semana 2

Nesta semana percebi que meus alunos estavam mais agitados, mas também mais curiosos em relação as atividades que seriam desenvolvidas. Acredito que, por estarem participando mais das aulas, contribuindo e trocando idéias, partindo da realidade onde vivem, relatando coisas que acontecem ,como por exemplo: O aluno G me contou que em dias de chuva, o lixo desce todo pela rua. Outra coisa importante a destacar é que a partir da aula sobre o lixo seco e orgânico, passaram a utilizá-los de forma mais consciente, um controlando o outro, para não errarem na hora de colocar o lixo na lixeira, na hora da merenda, em especial quando é fruta, como banana, por exemplo. Também notei que aqueles alunos com maior dificuldade, estão evoluindo de forma significativa, mostrando mais interesse na realização das atividades e participando mais ativamente. Quanto à oficina de sucata (garrafa pet) com a construção do bilboquê, foi muito bom. Inclusive, os brinquedos que deveriam ser deixados na escola, foram todos levados para casa, tamanho foi o interesse pelos mesmos. Alguns, fizeram até dois, e disseram que iriam fazer mais em casa, pedindo pedaços de barbante para levarem. Em relação ao meu aprendizado, posso relatar que percebi que quanto mais envolver meu aluno nas atividades desenvolvidas, mais interesse ele terá, e com isto, mais significado e evolução terá na sua aprendizagem.

3.3.3 Reflexão semana 3

Hoje, 29 de abril, aconteceu um fato importante para a comunidade escolar, que foi a interdição das pedreiras, onde os pais de nossos alunos trabalham. Já de manhã bem cedo, antes do início da aula, subiu ao morro em uma operação conjunta, a Brigada Militar (BM) e o Ministério Público (MP), trazendo tumulto e atitudes de repressão por parte da comunidade, como a queima de um veículo, necessitando a presença do Corpo de Bombeiros. Os manifestantes fecharam a estrada no intuito de impedir o acesso policial, o que não ocorreu. Por ordem policial, a empresa de ônibus sete de setembro, que faz a linha, foi proibida de subir ao Morro, por segurança, indo apenas até a escola e retornando ao centro. As crianças do turno da manhã, ficaram agitadas, pois muitos pais e irmãos trabalham nas pedreiras. Outro contratempo foi a questão do ônibus, pois os alunos foram obrigados a subir o Morro a pé. Em razão da segurança das crianças, a escola enviou um bilhete informando que o ônibus escolar não subiria ao morro a tarde, e que os pais seriam responsáveis pela locomoção dos filhos até a escola, neste período, por segurança, devido aos acontecimentos.

Por este motivo, tivemos poucos alunos a tarde, alterando a rotina da turma, não sendo possível desenvolver totalmente o plano previsto, pois como parte do mesmo estaria o trabalho para as mães e o jogo de dominó (envolvendo dificuldades ortográficas). Ao invés disto, os alunos assistiram ao vídeo O Planeta 51 e após fizeram um desenho livre sobre o mesmo. Em seguida tiveram a merenda, banheiro, recreio e um pouco de recreação na pracinha da escola e por último fizeram a atividade que tinha sido programada para o EVAM. (de acordo com o plano proposto).

Outro item que gostaria de colocar, o qual esqueci de mencionar anteriormente, foi a questão de um aluno meu que há uns 20 dias não estava vindo a escola. As crianças disseram à diretora que o mesmo havia se mudado, ido morar com o pai. Então, foi mandado bilhete para a mãe e encaminhado ao conselho tutelar. Mas, ontem o aluno retornou a escola, dizendo que estava morando em Tapes com a avó e que estava estudando lá. Então pedi para ver seu caderno, e,

realmente havia conteúdos e bilhete colado com o timbre da escola de Tapes. Isto me aliviou um pouco, em saber que estava na escola, neste período, pois o aluno tem dificuldades de aprendizagem e era um dos que frequentava os estudos de recuperação. O mesmo, voltou esquelético, muito magro mesmo, cabisbaixo, meio sem graça. Na hora da merenda, comeu com vontade, repetindo-a com gosto, embora fosse sagu. Percebi também que estava com saudades da nossa escola, pois fez questão de me mostrar o caderno e dizer: Óh," pof". como eu copiei tudinho ! E quando perguntei qual o nome de sua professora lá da outra escola, respondeu: não sei,"pof." Por isso, procurei dar bastante atenção a ele ontem, inclusive fiquei com seu caderno, para colocar um bilhetinho de boas vindas e de incentivo. Hoje, apesar dos acontecimentos, veio à escola, pois com certeza sabendo que poderia contar com um prato de comida, que hoje era "sustância", aipim com carne moída, que também repetiu.

A escola está apreensiva com a situação do morro, pois sabe que o sustento das famílias depende daquele trabalho, visto que a maioria não tem estudo. A situação das famílias já não era boa, agora então, vai piorar bastante. Inclusive a supervisora da escola cogitou a possibilidade de conversar com a nutricionista responsável pelo cardápio escolar, para fazer aos alunos da escola um cardápio diferenciado, conforme as necessidades da comunidade, pois a maioria só come o que recebe na escola. Por isso, não resolve incluir no cardápio, bolachinha com leite, ou fruta como substituto de um prato de comida, como feijão e arroz. É importante sim ter o leite e a fruta, mas como complemento.

Quanto ao aluno do turno da tarde, da turma de estágio, que iria tirar o gesso, no dia 27, não foi possível. O médico disse que deverá ficar com o mesmo no mínimo 40 dias. Então, acredito que antes de dois meses não deverá retornar à escola, o que com certeza irá prejudicar sua aprendizagem.

Ontem, sexta-feira, percebi meus alunos bastante agitados, devido ao fato do fechamento das pedreiras. Inclusive, na hora da novidade foi o assunto geral. Muitos disseram que os pais teriam que procurar emprego em firma. Um deles disse: - sabia prof. que meu pai também vai lá no centro falar com o "presidente" para abrir as pedreiras. Então eu coloquei, há ele vai falar com o prefeito, que bom! Durante a tarde, passou na frente da escola uma carreta de caminhões lotados de

trabalhadores e carros buzinando, em direção ao centro da cidade. Uma menina colocou: É prof. amanhã é o dia do trabalho, mas agora meu pai não tá mais trabalhando.

Partindo das colocações dos alunos, expliquei que embora os pais estivessem parados, sem serviço, continuariam a ser trabalhadores e que eles deveriam sim lutar por seus direitos, procurando solução e alternativas, como outras formas de trabalho, junto a prefeitura, caso não possam retornar as pedreiras. Também coloquei da importância do estudo, pois sem estudo fica difícil arrumar um serviço que não seja pesado, como o das pedreiras por exemplo. Também coloquei que aqueles que tinham a idéia de deixar os estudos em razão da facilidade de trabalho junto as pedreiras, que agora, mais do que nunca deveriam estudar e pensar em uma outra atividade, pois existem muitas outras profissões, nas quais poderão trabalhar e ter a possibilidade de ganhar mais. A maioria tem irmãos (crianças ou adolescentes) que trabalhavam nas pedreiras, entre estes, alguns já haviam abandonado os estudos. Realmente a situação é complicada, e não sabia mais o que dizer as crianças. Mas percebi que após as minhas colocações, se acalmaram um pouco.

Luciane, a partir do teu comentário e refletindo sobre os objetivos da semana 3, posso dizer que apesar dos contratemplos, consegui desenvolver bem o trabalho previsto, conseguindo atingir os objetivos, através da participação dos alunos nas atividades propostas. Apenas percebi que o aluno David, que retornou a escola, tem ainda muita dificuldade de aprendizagem, inclusive não compreendendo as ordens dadas. É preciso repetir mais vezes para que ele as compreenda. Objetivos desenvolvidos na semana: associação de quantidades, expressão oral envolvendo raciocínio lógico matemático, operação mental, envolvendo problemas matemáticos de subtração a partir de conjuntos, reconhecer estruturas familiares diferentes, identificar seres vivos e sem vida, reconhecer-se através do seu auto-retrato, conhecer-se como diferente, respeitando as diferenças, reconhecimento das partes do corpo, construção do conceito de gráfico, reconhecimento da palavra com seu respectivo desenho (dificuldades ortográficas), expressão corporal através da brincadeira passa passará, respeito a regras e limites nos jogos e nas brincadeiras.

3.3.4. Reflexão semana 4

Ao analisar a semana que passou posso constatar que meus alunos estão evoluindo, de forma homogênea, isto é, construindo sua aprendizagem sem grandes dificuldades, participando das atividades e realizando-as de forma correta. Em alguns alunos, percebi certa resistência na leitura, tentando primeiro adivinhar, mas então mostrei que deveria ver o som de acordo com a letra e ou sílaba apresentada, que o importante é conhecer o som de cada letrinha ou sílaba. Um ponto positivo, foi o encontro das mães com os filhos no chá em homenagem as mães. Percebi que as mães aprovaram a idéia, pois puderam participar um pouco da vida escolar de seu filho. Os alunos, também gostaram de ver suas mães na escola, valorizando os trabalhos realizados por eles.

Em relação a Provinha Brasil, considero uma experiência positiva, pois os alunos tiveram a oportunidade de exercitar os saberes construídos, apresentando uma certa facilidade na compreensão das atividades, de modo geral, pois o tempo previsto para a realização da mesma (de 1 hora) realmente foi observado pelos alunos, sem ter sido estabelecido aos mesmos.

3.3.5 Reflexão semana 5

Em relação a esta semana gostaria de destacar que as crianças ficaram eufóricas com a visita da tutora Luciane, querendo mostrar o que aprenderam, através do seu caderno e da participação em aula.

Outro fato importante foi a presença dos pais na escola, durante a festa da família, no sábado, o que alegrou muito as crianças, pois é visível o contentamento em poder mostrar aos pais sua sala de aula, sua professora, os colegas e poder compartilhar momentos juntos (vídeo, lanche, apresentações). Acredito ser um momento importante, pois a escola está valorizando a família do aluno, trazendo um pouco de sua história, tendo contato com pais, irmãos, avós, etc. [Fig.1]. No

planejamento semanal, notei que os alunos se interessaram sobre a metamorfose do sapo, dialogando e contando o que já sabiam a respeito. Quanto ao texto informativo, a respeito dos sapos diferentes, notei que prestaram bastante atenção e após a leitura todos quiseram ver a revista, que passou de mão em mão, bem como o esqueleto do sapo e de pessoas, fazendo a comparação entre os mesmos, percebendo semelhanças e diferenças. Inclusive um aluno disse: Olha, no esqueleto do sapo não aparecem os dentes, mas no nosso tem sim. Outra atividade que gostaram muito foi a dos fantoches [fig.2] onde puderam entrar no mundo do faz de conta, representando os personagens escolhidos. Uma coisa me chamou atenção na escolha dos fantoches, quando uma menina negra escolheu um fantoche de uma menina negra. Então perguntei: Quem tu vais representar? Eu mesma professora! A colega pegou um cachorrinho e como eu tenho um cachorrinho, vamos fazer eu, brincando com meu cachorrinho. Os demais preferiram escolher bichinhos, deixando os fantoches de pessoas de lado. Também observei que a partir da história e dos textos trabalhados, conseguiram escrever e identificar algumas palavras como: sapo, chulé, pé, de forma espontânea.



Fig. 1: Festa da família



Fig.. 2: Fantoches.

Devido à chuva, não tiveram recreio na rua, então deixei que brincassem com jogos pedagógicos, quebra cabeça, bingo de letras, alfabeto móvel, em duplas ou mais, havendo um bom desempenho e bom relacionamento também entre eles.

Através dos contos (histórias) podemos abordar vários assuntos e atrair a atenção dos alunos, visto ser a história muito apreciada pelas crianças de modo geral. Através desta história "Sapo é sapo", além de trabalhar a morfologia do sapo, pude trabalhar a identidade, ou seja, a importância de sermos nós mesmos, pois cada um é como é, respeito as diferenças, e a valorização de si mesmo. Também

pude despertar no meu aluno o gostinho de representar, através dos fantoches, desenvolvendo aí a expressão oral, o que contribui muito para a expressão escrita, fazendo uma relação com o texto "Por uma arte de contar histórias" de Fanny Abramovitch, posso dizer que realmente a história propicia ao aluno explorar de forma involuntária outros saberes, relacionando-os aos já conhecidos, de forma espontânea, pois conforme o texto "é através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica ..." "É também através da Leitura de história que se estimula a criança a despertar para o desenho, a música, o teatro, as brincadeiras, pois tudo pode nascer de um texto."

A partir da leitura do texto "Alfabetização e teorias da Aprendizagem" da professora Tânia Beatriz Iwaszko Marques, na interdisciplina de Fundamentos da Alfabetização em conjunto com a interdisciplina de Desenvolvimento e Aprendizagem sob Enfoque da Psicologia I, vou fazer um pequeno resumo, para a partir daí fazer uma relação teórica com minha reflexão desta semana.

Conforme Gestalt, a aprendizagem ocorre por meio de insight, os chamados "estalos" no processo de alfabetização, o que consiste, segundo ele, numa organização súbita do campo perceptivo, organizando uma totalidade, isto é, o que importa é a percepção e não os sentidos.

Por isto, o método analítico se enquadra a teoria de Gestalt na medida em que se preocupa em trabalhar com totalidades, significados. Ou seja, tentar trabalhar com textos ou com palavras inteiras, com significado. Isto, por que, para Gestalt, não percebemos os elementos isolados, mas as totalidades.

Aplicando portanto, a alfabetização, diremos que a criança ao aprender a ler e a escrever, está muito mais preocupada com o significado geral da palavra, da frase ou texto do que com a soma de letras ou com cada letra em particular.

Então, conforme minha reflexão, coloco que venho trabalhando a partir de histórias, o que tem um sentido para a criança e a partir daí, vou desmembrando e trabalhando palavras e sílabas e associando a novas palavras e novas sílabas, inclusive com reconhecimento de palavras já conhecidas dentro do texto. Para mim, é um método mais fácil, visto que o aluno tem a percepção do todo, percebendo o som total e então desmembrando em sílabas. Com isto não se torna apenas um ato

mecânico de memorização das sílabas da palavra SAPO, por exemplo. Pois ao invés de decorar o SA e o PO, o aluno associa a frase título da história “SAPO É SAPO” (contada pela professora) e escrita do título no quadro a outras palavras já conhecidas, como SApata, POlicia, por exemplo. Ou também, quando o alunos identificaram na letra da música o sapo não lava o pé, as palavras PÉ, SAPO, CHULÉ, sublinhando-as, de forma correta e fácil, sem ajuda da professora, reconhecendo o som e a grafia das mesmas.

Como exemplo também cito que, na minha atividade em sala de aula, percebo que é raro o aluno que não reconhece as letras do seu nome, pois este tem um significado importante para ele.

Com esta leitura e a partir do que venho observando durante minha prática, considero estar utilizando o método analítico, pois a partir do estudo da teoria de Gestald, sobre o desenvolvimento da aprendizagem da criança, que ocorre a partir de significados, o que vem de encontro com o que coloquei no meu planejamento em relação a Vygotsky e Jean Piaget, visto que ambos reconhecem a importância da interação da criança no processo de aprendizagem, onde ela constrói a partir de significados, a partir de modos onde o professor não ensina, mas oportuniza a própria criança a fazer suas descobertas, a partir de suas percepções, por isto a importância de se aproveitar de coisas que a criança gosta, como as histórias, ou daquilo que o aluno já conhece, já trás consigo, pois torna o momento de aprendizagem mais significativo e atrativo, servindo como estímulo a novas descobertas.

Bibliografia: Texto Por uma arte de contar histórias de Fanny Abramovisch.

3.3.6. Reflexão semana 6.

Em relação a hora da novidade, esta semana questionei sobre quem gostou das atividades da Festa da Família e os alunos que vieram, um total de oito, responderam que gostaram, que acharam ótimo por que as mães e familiares puderam vir na escola e participar de atividades com eles e que também gostaram

do filme "Tá chovendo hamburguer" que assistiram junto com as mães e familiares (irmãos, tias, vós) e também gostaram das apresentações.

Com a finalidade de introduzir o assunto inicial da semana, a alimentação, comecei com a hora da novidade com questionamentos sobre o filme "Tá chovendo hamburguer", o qual tem tudo a ver com o tema, utilizando-me de algo que as crianças adoram, os desenhos animados, onde os personagens e o colorido do mesmo atraiu a atenção delas para o tema, que inclusive, na música de entrada lembraram de cantar a música "meu lanchinho" na hora de ir na merenda do refeitório.

Com base na importância das crianças interagirem nas atividades propostas, conforme coloquei na reflexão da semana passada, a partir da atividade da pirâmide (folhinha xerocada), construímos a nossa pirâmide com figuras que as crianças recortaram. Foi uma atividade que interessou bastante as crianças, pois puderam de forma prática demonstrar aquilo que aprenderam, através de gravuras de seu interesse. Também considero importante colocar que partindo do filme, trabalhamos a alimentação e com isto, de modo espontâneo, enquadrei a higiene, sem que os alunos se dessem conta, pois não precisei dizer: agora vamos trabalhar os alimentos, ou , agora vamos trabalhar a higiene, mas sim partindo do filme ambos os temas foram trabalhados fluentemente pelos alunos, os quais de modo geral demonstraram interesse pelas atividades desenvolvidas, fazendo uma boa relação entre "som e grafia, fazendo a partir daí novas associações.

Em relação ao jogo das frutas (dados), não foi possível devido ao tempo a sua realização, apenas confeccionaram o dado. Mas, conforme coloquei para eles, o faremos mais adiante, visto se mostrarem bastante interessados na construção dos dados.

A atividade da vitamina de banana não pode ser realizada, pois a merendeira se esqueceu e chaveou o armário onde fica o liquidificador. Então, fiz o sorteio das bananas e combinamos realizar a atividade numa outra oportunidade.

Os alunos sorteados adoraram as bananas, levando-as para casa. Em seguida realizamos então as atividades com os rótulos trazidos pelos alunos.

Em relação a atividade 8, percebi que a maioria não reconheceu os rótulos apresentados, com exceção do OMO e da coca-cola. Os outros passaram

despercebidos. Então, tive que ler e fazer o reconhecimento junto com eles. Acredito que isto se deu por eles utilizarem-se de produtos similares, de custo mais baixo, envolvendo outros rótulos menos conhecidos.

Quanto ao desenvolvimento da turma de modo geral está bom, mas três alunos ainda me preocupam, pois ainda não reconhecem todas as letras e números trabalhados e tem dificuldades de concentração, sendo um deles, multi-repetente. Em relação à avaliação deste aluno, está sendo feito um parecer onde sua avaliação será diferenciada, observando-se objetivos a serem atingidos menos complexos, individualizado, de acordo com suas habilidades, apesar de o mesmo não apresentar laudo médico, mas ter um histórico familiar conhecido. (irmão está preso por roubo de carros).

A partir desta constatação, estamos tentando encaminhá-lo ao atendimento do NAPPI para uma avaliação e posterior acompanhamento profissional.

3.3.7 Reflexão semana 7

A partir do acompanhamento das atividades das crianças nesta semana, percebi que sentiram bastante alegria em realizar atividades com o tema brinquedos e brincadeiras sobre conteúdos desenvolvidos, mostrando-se bastante estimuladas a realizar as atividades, inclusive as atividades do livro didático de matemática, razão pela qual resolvi explorá-lo também, a partir do uso feito nas atividades do projeto. A partir destas constatações, conversei e mostrei o livro didático para minha supervisora, a respeito de atividades de acordo com o tema proposto, para saber sua opinião. A mesma colocou que já havia observado o livro de matemática e que realmente havia atividades bem interessantes e que poderiam ser usadas esporadicamente pelos alunos. Normalmente não costumo seguir o livro didático, pois muitas vezes não tem muito a ver com a realidade do nosso aluno, mas o livro de matemática deste ano me surpreendeu, pois vem de encontro ao modo como venho trabalhando, de forma que os alunos possam interagir, e o mesmo, trás atividades onde o aluno pode construir e reconstruir conhecimentos, a partir da sua

participação ativa nas atividades diversas incluindo escrita, recorte, pintura, colagem, que envolvem raciocínio lógico, fazendo com que os alunos pensem e reflitam, sem receber a resposta pronta.

Outro ponto positivo nesta semana foi o fato dos alunos brincarem com brinquedos na hora da recreação, (fig.3) interagindo com colegas e usando a fantasia em suas brincadeiras, através da criação de diálogos, havendo um respeito mútuo na distribuição e troca dos brinquedos, que foram poucos, sua maioria doados pelo meu filho, devido à condição sócio-econômica dos alunos. Devido a quantidade pequena de brinquedos, fizemos um rodízio espontâneo: enquanto alguns brincavam com brinquedos, outros jogavam bola, pulavam amarelinha ou corda. Também me chamou a atenção que durante o recreio demonstraram interesse em brincar com os brinquedos, inclusive vindo alunos de outras turmas brincar também.

3.3.8. Reflexão semana 8

Nesta semana procurei trabalhar um pouco mais com a escrita e leitura, dando oportunidade também dos alunos expressarem-se através da oralidade. As atividades foram mais em forma de brincadeira, como adivinhas, cruzadinhas, recorte e colagem, permitindo a participação dos alunos de forma descontraída, sem perceberem que estavam exercitando a escrita e a leitura. Também foi feita uma continuidade do tema da semana passada, que atraiu muito os alunos, os brinquedos e brincadeiras. No pátio, deixei que brincassem livremente, com brinquedos e pracinha, contribuindo para que exercitassem o respeito as diferenças, obedecendo regras e limites, através da partilha dos brinquedos.

Conforme o meu pensamento e partindo do que lemos durante o curso, é muito importante despertar no aluno a oralidade, tornando-os desinibidos a formularem hipóteses frente aos desafios que lhe são apresentados, cabendo ao educador propiciar condições para que isto ocorra de forma que, neste caso, a criança tome consciência do seu papel como ser social, com direito de ter uma

educação mediadora, onde a relação professor x aluno seja de troca, onde a visão de mundo de ambas as partes seja respeitada, conforme a vivência de cada um, e que ambas sirvam de base para novas descobertas na construção e reconstrução de novos saberes e práticas, também para o professor.

Durante a disciplina de Psicologia da Vida Adulta, com a professora Tânia Marques, a partir das leituras sugeridas, fez-me perceber que a aprendizagem, tanto na infância como na vida adulta, depende muito do desenvolvimento emocional e intelectual, tendo-se como base que o desenvolvimento cognitivo inicia-se no nascimento e estende-se por toda a vida, possuindo em cada indivíduo, características próprias, de acordo com a relação deste com o objeto do conhecimento, de sua maneira de pensar, através do modo como lida com os problemas da realidade. Portanto, a educação é um processo que se dá no mundo da convivência, onde as trocas entre professor e aluno, tornam-se aspectos importantes para que a aprendizagem ocorra de forma integrada, informal e espontânea, possibilitando transformação do indivíduo através das trocas com o meio em que vive.

Sendo assim, torna-se importante que o professor leve em consideração, independente da faixa etária do aluno, a fase de desenvolvimento em que se encontra, pois com certeza, contribuirá para que o conhecimento torna-se mais acessível, através de planejamentos flexíveis e mais de acordo com a realidade do aluno em questão. Acredito que minha prática deva estar sempre voltada aos interesses e necessidades do meu aluno, portanto é muito importante a interação, através da reflexão e das trocas, procurando ter em mente que o aluno já vem com uma bagagem de conhecimentos e a partir daí estar aberta também a aprender com eles e a partir desta, buscar novas práticas que contribuam ao desenvolvimento do meu trabalho, sempre visando à aprendizagem.

Bibliografia: POWER POINT - Práticas de leitura, escrita e oralidade no contexto social. Material produzido para a interdisciplina a partir de palestra proferida por Kleiman (2007), na UFSM (RS), e de artigo de Dalla Zen e Trindade (2002). [Fontes das imagens: www.letramento.iel.unicamp.br e google.com.br.]

3.3.9 Reflexão semana 9

Nesta semana passei um vídeo onde os alunos puderam entrar no mundo do faz de conta, coisa fácil para uma criança. Os alunos adoraram!

A partir do vídeo que fala sobre a leitura (em especial a contação de histórias, aquela contada por alguém bem próximo, como por exemplo, pai, mãe, avós, etc.) dialoguei sobre o gosto pela leitura, por ouvir histórias e percebi que a maioria gosta de ler e de escutar histórias, mas são poucos os que tem o incentivo da família, em sua maioria lêem sozinhos o livro da Biblioteca que levam para casa, semanalmente. São poucos aqueles que tem livros em casa. Quando perguntei por que gostavam de ler ou de escutar histórias, disseram:

- _ Porque parece que eu estou na história, igual do filme.
- _ Por que é legal.
- _ Por que a gente faz de conta que está lá na escola.
- _ Porque quando eu leio, fico imaginando.
- _ Porque a gente aprende muitas coisas.

Outro fato interessante é que quando perguntei quem trouxe algum livrinho de casa para mostrar, uma menina que eu não esperava, trouxe quatro livrinhos (Patinho Feio, Cinderela, A Bela e a Fera e Os Três Porquinhos) e falou sobre eles com muita alegria. Os livrinhos passaram de mão em mão, grande foi o interesse. Em seguida perguntei se alguém havia trazido a fantasia para a hora da recreação e a mesma menina que trouxe os livrinhos, trouxe o vestido amarelo (da Cinderela, segundo ela). A aluna estava tão ansiosa que colocou o vestido na sala mesmo, por cima da roupa que estava vestindo. Realmente estava se sentindo uma “princesa”. Na recreação, brincou com outras colegas.

Na hora do conto, percebi que os alunos adoraram a TV de rolo, a qual exploraram bastante. Também percebi que em sua maioria tiveram interesse e facilidade em realizar as atividades realizadas a partir da história contada (Pinóquio), entre estas: escrita do nome dos personagens, formação de palavras a partir de sílabas conhecidas, ordenação da história em sequência lógica, bem como formação de frases simples, com auxílio da professora.

Como houve bastante interesse por histórias o projeto de letramento com o tema animais desenvolveu-se também a partir de uma história (A Arca de Noé), dando seqüência às demais atividades, como o caça-palavras por exemplo.

Nesta semana percebi uma boa participação dos alunos, com bastante interesse e poucas dificuldades. Os alunos estavam eufóricos, com a visita da professora Dóris que acompanhou de perto o trabalho desenvolvido, no dia 9 de julho.

Como incentivo a leitura em família, e aproveitando um tema atual, a Copa do Mundo, enviei aos alunos um texto informativo para que lessem com a família, em busca do meu objetivo em despertar no meu aluno o gosto pela escuta e leitura de histórias com a promessa de continuar com a hora do conto durante o próximo semestre.

Aproveitando o que foi desenvolvido durante o curso na disciplina de Literatura Infanto Juvenil e Linguagem, quero voltar a trazer aqui alguns pensamentos de Fanny Abramovich a respeito da importância da Leitura, o que vem de encontro com a prática desta semana.

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descobertas e de compreensão do mundo...”

“É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantos outros mais e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve - com toda a amplitude, significância e verdade de que cada uma delas fez (ou não) brotar ... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

Referência: ABRAMOVICH, Fanny. Literatura infantil: gostosuras e bobices; São Paulo: Scipione, 1997.

3.3.10 Reflexão semana 10

Nesta semana aproveitando um tema atual, a Copa do Mundo, procurei desenvolver atividades onde os alunos pudessem participar de forma criativa, através de pintura, recorte, colagem, produção textual, envolvendo um tema de seu interesse. Com isto, acredito que consegui motivá-los a desenvolver as atividades de forma mais tranqüila, percebendo-os mais desinibidos e participativos, expressando-se oralmente de forma espontânea e segura sua opinião e conhecimento sobre o assunto, tornando-me apenas o mediador desta aprendizagem, tornando-a bastante significativa para o aluno.

3.3.11. Reflexões sobre o planejamento

“A infância é o tempo de maior criatividade na vida de um ser humano.” Jean Piaget.

Aos poucos, elaborando atividades adequadas, voltadas para o lúdico, consegui integrar melhor meus alunos, fazendo com que os mesmos apresentassem mais harmonia nas relações pessoais, a partir de atividades que trabalham a coordenação motora, fazendo com que interagissem de forma mais livre, dinâmica e divertida, levando-os a perceber a importância do outro para a realização da atividade, passando a ver o colega não mais como perigo, ameaça, disputa, mas como um elemento importante para a realização da brincadeira, que sozinho não teria como acontecer.

Na interdisciplina de Didática, Planejamento e Avaliação podemos estudar o planejamento a partir das idéias de Celestin Freinet e Maria Montessori, fazendo uma pequena reflexão:

Segundo sugestão de Celéstin Freinet, a criação de material didático pode partir da utilização de material reciclável, que poderiam ser confeccionados pelos alunos, preferencialmente com trabalho em grupos. Durante minha prática, os

alunos puderam confeccionar jogos de quebra-cabeça a partir de gravuras de revistas, brinquedo bilboquê a partir de garrafa pet, entre outras atividades utilizando-se material reciclável. [fig.3].



Fig. 3: Brinquedo bilboquê.

Segundo Maria Montessori, a aprendizagem segue do concreto para o abstrato, onde o aluno deve ter livre acesso a materiais didáticos que auxiliem a sua aprendizagem. Durante minha prática, os alunos puderam dispor de material concreto para a realização de atividades matemáticas como palitos e tampinhas, bem como o material dourado entre outros. Na linguagem e escrita, puderam contar com materiais diversos como: jornal, revistas, alfabeto móvel de EVA, entre outros. [fig.4].



Fig.4: Alfabeto e números de E.V.A

Bibliografia:

http://www.pead.faced.ufrgs.br/sites/publico/eixo7/didatica/unidade2/materiais_didaticos/montessorianos_link3.pdf. Acesso em 21/11/09

4 COMO TRABALHAR O LÚDICO COM PNEE (CONTEXTUALIZANDO PRÁTICA E TEORIA A PARTIR DE RELATOS DE EDUCADORES)

Portadores de Necessidades Educativas Especiais (PNEE)

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais para a educação especial (SEESP/MEC/01), essa expressão pode ser utilizada para referir-se a crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua elevada capacidade ou de suas dificuldades para aprender. Está associada, portanto, a dificuldades de aprendizagem, não necessariamente vinculada a deficiência(s). Trata-se de um leque de manifestações, de natureza orgânica ou não, de caráter temporário ou permanente cujas conseqüências incidem no processo educacional. Ao mesmo tempo, as necessidades especiais são caracterizadas como manifestações decorrentes de dificuldades de aprendizagem, de limitações no processo de desenvolvimento com comprometimento do desempenho escolar, de dificuldades de comunicação e sinalização, de altas habilidades ou superdotação.

A partir do estudo bibliográfico, percebemos que é muito importante a ludicidade para o desenvolvimento global da criança, proporcionando uma aprendizagem mais significativa, pois tem a oportunidade de resolver conflitos, sem a interferência constante de um adulto, contribuindo para que ela se descubra ao interagir com os demais, sentindo-se capaz, aumentando sua auto-estima, contribuindo para sua inclusão ao grupo. Na minha turma, por exemplo, temos um aluno que possui raquitismo e nanismo e tem dificuldades de locomoção, mas graças as atividades lúdicas, socializou-se bem com o grupo, recebendo o carinho de todos, sem discriminação.

Partindo desta realidade, resolvi fazer uma entrevista com uma professora que tenha regência em classes com PNEE, com a finalidade de pesquisar qual a importância da ludicidade para o desenvolvimento de PNEE e como exercer esta prática. Esta entrevista foi realizada com uma ex-colega que desenvolve seu

trabalho numa escola especial de nossa cidade. Segue abaixo a respectiva entrevista, bem com o a análise da mesma.

Questão 1. Para você o que significa ludicidade?

Educadora: Significa utilizar jogos e/ou brincadeiras no dia a dia dos alunos, tornando a aprendizagem mais prazerosa e concreta.

Questão 2. Como percebe a ludicidade nas crianças de sua escola?

Educadora: Quando interagem na hora do recreio, um envolvendo o outro e, na sala de aula quando, vem deles, as brincadeiras, envolvendo assuntos da aula ou cotidiano.

Questão 3. Em que momento da rotina costuma desenvolver atividades lúdicas com as crianças?

Educadora: Principalmente, em cálculos (+ - x :), que percebo mais dificuldades em abstrair, então, montamos dominós, quebra-cabeça. Na Educação Física e atividades extras da escola.

Questão 4. Como trabalhar o lúdico na escola com portadores de necessidades especiais (PNEE) contextualizando teoria e prática pedagógica?

Educadora: Como se trabalha com qualquer outro aluno, apenas, se necessário fazendo adaptações, e, principalmente percebendo como facilitar a aprendizagem através da calma, tolerância e expectativas positivas em tudo que esse aluno alcançar.

Questão 5. Você acredita que o lúdico (jogos e brincadeiras) possa facilitar o processo de ensino aprendizagem na escola? Justifique sua resposta.

Educadora: Sim. Com certeza, pois o processo se torna mais significativo, envolvente e faz com que o aluno descubra sempre algo a mais do que lhe foi solicitado. E contando com os benefícios de entrosamento, dividir e ajudar o colega e a alegria que a ludicidade envolve em todo o processo de ensino aprendizagem.

A partir da entrevista acima, percebe-se que o lúdico também envolve alunos PNEE, servindo como estímulo, já que muitas vezes as brincadeiras partem de seu interesse, envolvendo temas de seu cotidiano, tendo o acompanhamento da professora como orientador e facilitador, fazendo adaptações necessárias e incentivando a cada sucesso, por menor que seja tornando a aprendizagem agradável e prazerosa. Outro fato importante é a socialização, o entrosamento entre todos os envolvidos, contribuindo para o desenvolvimento destes alunos como um todo, pois se sentem úteis, em poder fazer trocas e auxiliar seus colegas, aumentando assim sua auto-estima. Também é importante ressaltar a importância de se trabalhar com material concreto, onde o aluno tenha a oportunidade de construir e reconstruir, formular hipóteses e chegar a solução de problemas de forma acessível, através do jogo, onde há a possibilidade de acertar e errar, sem se sentir inferior, contando com o apoio do grupo.

5 ANÁLISE DOS DADOS DA ENTREVISTA COM EDUCADORES DA ESCOLA ONDE REALIZEI MEU ESTÁGIO

Conforme já havia mencionado, além das pesquisas bibliográficas e da minha prática como educadora e aluna, realizei uma entrevista envolvendo quatro questões sobre a ludicidade, com colegas da escola onde trabalho e fiz meu estágio para investigar como elas vêem a ludicidade na escola: Facilitadora ou não da aprendizagem ?

Com base nas respostas, vou analisando questão por questão:

Questão1. Para você o que significa ludicidade ?

A. É o brincar, jogar por e com prazer, com jogos, com o corpo e outros materiais.

B. Imaginário, fantasia, contos, brincadeiras. Tudo isso faz parte da ludicidade, ou seja, trabalho pedagógico voltado à brincadeiras, imaginação.

C. Ludicidade é sinônimo de brincadeira, jogo e diversão e deve estar inserida nos contextos de alfabetização, sem dúvidas nenhuma é um recurso poderoso na aprendizagem dos alunos.

D. Ludicidade é um processo importante na aprendizagem, mas como qualquer outro exige pesquisa para colocá-lo em prática.

E. É o brinquedo e o brincar contribuindo para o processo de aprendizagem.

Analisando a primeira questão, percebe-se que a ludicidade, segundo estas educadoras, representa mais do que simples diversão, mas um brincar que envolve prazer, imaginário, através de jogos, brinquedos, brincadeiras, envolvendo o corpo e outros materiais, contribuindo para o sucesso da aprendizagem, tornado-se um processo importante, exigindo de nós educadores uma pesquisa antes de colocá-lo em prática.

Questão 2. Como percebes a ludicidade nas crianças de sua escola?

A. Na hora em que vão para a recreação e também nas horas em que eles jogam os jogos pedagógicos como memória, quebra-cabeça, dominó e outros na sala de aula.

B. Mesmo em uma comunidade carente como a nossa a ludicidade é presente, eles estão sempre brincando, dançando ...

C. As crianças tem dificuldade para se organizarem nas brincadeiras, principalmente nos jogos com regras. Mas todos gostam muito de brincar e aceitam as propostas das professoras tranquilamente.

D. Em momentos em que a professora (nós) incentiva a aprendizagem, não utilizando somente quadro-negro e giz, mas também outros recursos

E. Aqui na escola as crianças tem dificuldades para brincar, pois não são incentivadas em casa.

Conforme o que foi exposto para a questão 2, pode-se concluir que as crianças pertencentes a uma comunidade carente, brincam e se divertem também dançando, mas apresentam dificuldades em aceitar regras, devido ao pouco exercício desta na família, onde não há o incentivo ao brincar (muitas crianças já trabalham nas pedreiras no contra turno escolar).

Questão 3. Em que momento da rotina costuma desenvolver atividades lúdicas com as crianças?

A. Na recreação, no pátio e também na sala, nos dias combinados, ou algum conteúdo que se queira desenvolver.

B. Hora do conto, através de jogos pedagógicos.

C. Em diversos momentos da sala de aula, como suporte didático além dos momentos de brincadeiras livres.

D. Durante a aula (no início, meio ou fim).

E. Após trabalhar algum conteúdo, como forma de fixação do conteúdo.

Em relação a questão 3, pode-se perceber que o lúdico envolve vários momentos do fazer pedagógico, como recreação e como facilitador da aprendizagem.

Questão 4. Você acredita que o lúdico (jogos e brincadeiras) possa facilitar o processo de ensino aprendizagem na escola? Justifique sua resposta.

A. Sim, tenho certeza que facilita, pois o aprendizado acontece de forma prazerosa, lúdica e há muitas trocas de informações entre eles; de como se joga, as regras, e também há reflexão. Tudo isso facilita a aprendizagem.

B. Sim. Pois quando se utiliza o lúdico o cérebro é estimulado a pensar e quanto mais pensamos, mais aprendemos.

C. Sim, as crianças aprendem melhor se estiverem brincando, se divertindo elas demonstram mais prazer nestas atividades que são fundamentais nas séries iniciais do Ensino Fundamental.

D. Não só facilita, como é essencial para o contexto de diversidade que encontramos, hoje na educação. Vejo a ludicidade como uma ferramenta que o professor possui para estar buscando o interesse e real significação da aprendizagem.

Conforme respostas a questão 4, todos os educadores entrevistados, consideraram a ludicidade como facilitadora da aprendizagem, argumentando suas respostas de forma clara e objetiva, confirmando algumas colocações feitas durante a realização deste trabalho, como por exemplo, “ludicidade como ferramenta em busca do interesse e real significação da aprendizagem”. Com base nas respostas das entrevistas, 100% dos entrevistados ressaltou da importância da atividade lúdica na escola, como prática facilitadora da aprendizagem, porém, em relação a sua prática, percebe-se que este fazer pedagógico vem sendo desenvolvido de forma gradativa, em alguns momentos específicos, como recreação, jogo pedagógico, momentos pré estabelecidos, em busca a cada dia de um espaço maior dentro da prática pedagógica do professor.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento deste trabalho foi possível constatar que o lúdico está presente nas práticas pedagógicas escolares, sendo utilizado como facilitador da aprendizagem em diferentes situações, adaptado, conforme a necessidade, sempre em prol do pleno desenvolvimento do aluno nas diversas áreas do conhecimento, buscando a integração do mesmo no ambiente escolar, bem como no meio onde vive, respeitando as diferenças e valorizando as habilidades que o aluno apresenta, seja ele PNEE ou não. A partir das entrevistas e pesquisas bibliográficas, e, prática pedagógica, concluí-se que o educador está cada vez mais preocupado com a qualidade do ensino, procurando desenvolver uma prática voltada as necessidades do educando, respeitando limites e despertando novas habilidades, além daquelas já existentes, onde o educador e educando sejam parceiros neste processo, construindo e reconstruindo novos saberes, a partir de atividades integradoras, como jogos, brincadeiras, que envolvem de forma prazerosa, educador e educando, tornado o processo mais agradável e eficaz, pois respeita o ritmo de cada individuo, integrando-o ao grupo de forma natural, visto ser o lúdico uma prática natural do ser humano.

Conforme destaque acima, o fazer lúdico torna-se facilitador também na prática pedagógica com Portadores de Necessidades Educativas Especiais (PNEE), pois é algo que ocorre de forma espontânea, sem imposição, contribuindo e muito na integração deste individuo e servindo principalmente como facilitador da aprendizagem, pois permite uma certa flexibilidade, conforme a necessidade, despertando o interesse e servindo como motivador, já que oportuniza a descoberta de algo a mais, do que lhe foi solicitado, em especial nas abstrações, como cálculos por exemplo, já que torna esta aprendizagem mais concreta, significativa e eficaz. Concluindo, esta graduação, como consequência deste estudo, pretendo aprofundar meus conhecimentos a respeito do uso da ludicidade como facilitadora na aprendizagem de PNEE, desenvolvendo minha pós-graduação a partir deste tema,

contribuindo para que a inclusão de alunos PNEE nas escolas regulares possa acontecer de forma satisfatória a partir de práticas que contribuam para a integração deste aluno, visto ser a inclusão uma realidade nas escolas de nosso município.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil** – gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

CURY, A. **Pais Brilhantes e professores fascinantes**. 9. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

FISHIMOTO, T. K. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação**. São Paulo, 1997.

FORTUNA, T. R. **Sala de aula é lugar de brincar?** In: XAVIER, M. L. M. e DALLA ZEN, M. I. H. (org.) Planejamento em destaque: análises menos convencionais. Porto Alegre: Mediação, 2000.

FREIRE, P. **A Educação na Cidade** 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez, 1997.

PIAGET, J. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

REDIN, E. **O espaço e o tempo da criança**: cadernos Educação Infantil. Porto Alegre: Mediação, 2000.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo. Livraria Martins Fontes, 1984.

WAISCOP, G. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1995.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

<http://www.bancodeescola.com/verbete4.htm> acessado em 16/11/10